



**EUCLIDES DA CUNHA FILHO:  
O ANIQUILAMENTO DO “EU” EM NOME DA HONRA DO “OUTRO”**

**Tatiana Prevedello**

Colégio Militar de Porto Alegre

**Resumo:** O estigma do nome e o desfecho trágico, projetados sobre os destinos do pai, Euclides da Cunha, e do filho homônimo, Euclides da Cunha Filho, o Quidinho, suscitam indagações capazes de transcender a apresentação objetiva dos fatos documentados pela história, a respeito do homicídio que extinguiu da cena literária nacional um de seus mais emblemáticos representantes. O propósito da presente reflexão é apresentar uma análise de textos proveniente de diversas fontes, os quais se ocuparam em compor, ainda que de modo muitas vezes reticente e contraditório, a representação identitária do filho que aparentemente aniquilou o seu “eu” em nome da honra do “outro”. Em meio às inúmeras controvérsias e divergências que emolduram ambos os episódios transcorridos na capital fluminense, nas primeiras décadas do século XX, nos propomos, também, a recuperar as poucas páginas que registraram a voz de Quidinho, sob a forma de correspondências, textos endereçados a jornais e depoimentos, a fim de delinear uma possível interpretação sobre a forma encontrada pelo “eu” para honrar e, por consequência, extinguir-se em nome do “outro”.

**Palavras-chave:** Euclides da Cunha Filho; representação narrativa; honra; morte.

**Abstract:** The stigma of the name and the tragic outcome, projected on the fate of the father, Euclides da Cunha, and the homonymous son, Euclides da Cunha Filho, Quidinho, raise questions capable of transcending the objective presentation of the facts documented by history, about the murder that extinguished one of its most emblematic representatives of the national literary scene. The purpose of this reflection is to present an analysis of texts from different sources, such as those which were occupied in composing, although often in a reticent and contradictory manner, the identity representation of the son who apparently annihilated his “self” in the name of the honor of the “other”. Among countless controversies and divergences that frame both episodes that took place in Rio de Janeiro, in the first decades of the 20th century, we also propose to recover the few pages that recorded the voice of Quidinho, in form of correspondence, texts addressed to newspapers and testimonies, in order to outline a possible

interpretation of the path found by the “I” to honor and, consequently, extinguish itself in the name of the “other”.

**Keywords:** Euclides da Cunha Filho; narrative representation; honor; death.

## 1 Um nome, um destino

A extensa bibliografia produzida em torno da tragédia da Piedade, que culminou na morte trágica de um dos maiores nomes das letras nacionais, Euclides da Cunha, o qual sucumbiu atingido por disparados realizados pelo amante de sua esposa, o aspirante do Exército e campeão nacional de tiro, Dilermando de Assis, na manhã de 15 de agosto de 1909, apresenta, em inúmeros aspectos, elementos divergentes entre si. O próprio Dilermando de Assis, em 1916, publicou *Um conselho de guerra: a morte do aspirante de Marinha Euclides da Cunha Filho: defesa do tenente Dilermando Cândido de Assis*, a fim de legitimar a sua inocência na troca de tiros que resultou na morte de Euclides da Cunha Filho, o Quidinho. Posterior à publicação de *A vida dramática de Euclides da Cunha*, por Eloy Pontes, em 1938, novamente Dilermando, em 1951, rebate as críticas que sofreu e escreve *A tragédia da Piedade: mentiras e calúnias de “A vida dramática de Euclides da Cunha”*.

No âmbito das versões biográficas que, até o momento, foram apresentadas por autores descendentes diretos das famílias dos personagens envolvidos na tragédia, verifica-se que eles se posicionam de acordo com suas conveniências pessoais e atuam na defesa do membro da família que, na acepção de cada interessado, foi a principal vítima.

Em *Anna de Assis: história de um trágico amor: Euclides da Cunha, Anna e Dilermando de Assis* (1987), uma das filhas de Anna e Dilermando, Judith Ribeiro de Assis, em depoimento ao jornalista Jeferson de Andrade, posiciona-se a favor da mãe que, a seu ver, em um primeiro momento, sofreu a ausência e a crueldade do marido e, após a morte deste, a abominação da opinião pública. Em 1990, o respectivo texto inspirou a minissérie *Desejo*, produzida pela rede Globo e dirigida por Wolf Maya.

Ainda em 1990, Joel Bicalho Tostes, casado com Eliethe da Cunha Tostes, neta de Euclides da Cunha, em depoimento a Adelino Brandão, apresenta *Águas da amargura* como um revidé à publicação de Judith Ribeiro de Assis:

Este é o desmascaramento de um livro medíocre, “Anna de Assis – história de um trágico amor”, publicado em 1987, com a visível intenção de enodoar a memória de Euclides da Cunha e sua família, além de injuriar, difamar e caluniar. Livro que inclusive desrespeitou a credulidade do leitor, passando-lhe versões, situações e dados que, como será demonstrado, são absolutamente falsos.

Por isso, não poderíamos deixar sem resposta procedimento tão indigno, colocando esse trabalho ao lado daquele, nas bibliotecas e nas estantes, para todo o sempre.

Deploramos que a vaidade doentia dos que desejaram aparecer a qualquer custo, aliada à ganância do ganho financeiro pelo sensacionalismo condenável, tenha levado alguns à reabertura do doloroso drama ocorrido em 1909, que sempre mereceu de nossa parte o mais respeitoso silêncio.

Esperamos que estas páginas sejam suficientes. Mas, se necessário, ou se assim nos forcarem os ousados caluniadores, nosso arquivo, mais uma vez, voltará a responder-lhes com novos documentos (Tostes, 1990: 9).

Também em 1990, a filha do segundo casamento de Dilermando, Dirce de Assis Cavalcanti, publicou *O pai*, texto autobiográfico, prefaciado por Antonio Candido, em que narra as suas memórias e percepções sobre o episódio considerando, sobretudo, o envolvimento do pai nos crimes que sempre afirmou não desejar tê-los cometido, além da necessidade que perseguiu, durante toda a sua vida, de provar a inocência, não perante a justiça que o absolveu de ambas as condenações, mas diante da opinião pública.

Os estudos produzidos sobre o episódio por pesquisadores na área da literatura, história e direito, também são expressivos, apresentando-se destaque para a professora da USP, Walnice Nogueira Galvão, grande especialista em Euclides da Cunha, que reuniu, em 2007, em *Crônica de uma tragédia inesquecível*, um material de inestimável valor documental, uma vez que reproduz, com integridade, os autos do processo de Dilermando de Assis. O livro, até o presente momento, é o único que, ao se ocupar na transcrição dos documentos que constituem o processo, abstém-se de conotações valorativas ou posicionamentos ideológicos acerca da natureza dos fatos.

A procuradora de justiça, Luiza Nagib Eluf, no ano do centenário da morte do escritor, em 2009, lançou ao público *Matar ou morrer: o caso Euclides da Cunha*, em uma edição que reproduz um considerável acervo de imagens das personagens envolvidas na tragédia, manifestando um posicionamento favorável à liberdade feminina, a fim de justificar o comportamento emancipado de Anna, mulher injuriada pela traição que cometera, além das funestas consequências decorridas desse ato.

Euclides é criticado por Eluf por valorizar as convenções sociais, a honra e não ceder à dissolução de um casamento que fracassara.

Também no ano de 2009, Mary Del Priore publica *Matar para não morrer: a morte de Euclides da Cunha e a noite sem fim de Dilermando de Assis*, apresentando uma versão dos acontecimentos que se solidariza ao infortúnio de Dilermando, personagem que no primeiro momento, ainda adolescente, fora conduzido às vias de um romance adúltero pela mulher do escritor, quase vinte anos mais velha. Posteriormente viu-se, por duas vezes, cometido a acionar sua arma de fogo em legítima defesa, vitimando pai e filho.

Além do assassinato de Euclides da Cunha, os desdobramentos do episódio alastraram-se e produziram outras vítimas. Dinorah, irmão mais jovem de Dilermando, que estava presente na manhã em que houve a troca de tiros que matou Euclides da Cunha, foi atingido pelo escritor. O jovem, também aspirante da Marinha e jogador de futebol de destaque no Botafogo, permaneceu com uma bala que ficou alojada em sua coluna e, gradativamente, foi perdendo os movimentos do corpo. Pouco tempo depois obrigou-se a abandonar a carreira futebolística, passou a sofrer de distúrbios mentais e tornou-se um mendicante pelas ruas do Rio de Janeiro. Em 1916 retornou a Porto Alegre e, após várias tentativas de suicídio, em 1921, atirou-se de um trapiche sobre as águas do Guaíba e morreu afogado.

Após a morte do escritor o seu filho mais velho, Solon, foi para o Mato Grosso, onde tornou-se empregado do governo e passou a atuar junto à comissão de Linhas Telegráficas. Posteriormente partiu para o Acre, a fim de exercer a função de delegado no município de Tarauacá. Em 06 de maio de 1916, em diligência pelos seringais na região do rio Jurupari, para onde seguiu com a missão de prender criminosos, foi baleado durante a perseguição. Segundo documento oficial da época, o jovem de 23 anos teria partido afirmando saber que não voltaria vivo, de modo que deixou cartas para a noiva e o irmão, Euclides da Cunha Filho, tendo morrido exclamando “ai meu pai!”<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Ofício sobre a morte de Solon da Cunha com nota de Joel Bicalho Tostes. Tarauacá, Acre, 12 maio 1916. In: Andrade, Juan C. P. de (Org.). *Euclides da Cunha*. Disponível em <https://euclidesite.wordpress.com/documentos>. Acesso em 20 fev. 2017. (Publicado originalmente no *Jornal Oficial*. Semanário da Prefeitura de Tarauacá, Acre, n. 6, 21 de maio de 1916. Reproduzido e comentado por Joel Bicalho Tostes no extinto site oficial da família de Euclides da Cunha).

O filho mais jovem de Euclides da Cunha, Manuel Afonso, a respeito do qual existem poucas referências, após a morte do pai, passou por uma série de instabilidades referentes a sua guarda. No princípio permaneceu sob a responsabilidade da avó materna, D. Túlia, até o momento em que foi internado em um colégio salesiano, em São Paulo, de modo que Nestor da Cunha, primo e amigo de Euclides, tornou-se tutor de seus filhos. Pouco tempo após a morte de Solon, época em que vivia com o seu tutor, fugiu de casa, pois sentia-se intimidado diante das constantes acusações que ouvia vindas de Nestor, responsabilizando Anna pelo assassinato de seu pai e, agora, do irmão mais velho. A partir de então, desdobraram-se inúmeras disputas e intervenções judiciais envolvendo a mãe e os familiares de Euclides, e “a sombra da tragédia cobriria participantes e descendentes por longo tempo, como uma maldição, trazendo outras consequências e prolongando a polêmica, que apresenta ramificações até nossos dias” (Galvão, 2009, p. 14).

É sobre Euclides da Cunha Filho, o Quidinho, que se voltam as nossas reflexões. O jovem, sobre quem pairou o mesmo nome e destino de Euclides, instigado pela honra de vingar o assassinato do pai, morreu em 1916, em decorrência da troca de tiros que provocou ao confrontar Dilermando de Assis, no cartório do 2º ofício da 1ª vara de órfãos do Rio de Janeiro, quando o tenente do Exército reivindicava, para a sua esposa, o processo de tutoria de Manuel Afonso.

Desejamos, em um primeiro momento, realizar uma análise de textos de diversas naturezas, os quais se ocuparam em compor, ainda que de modo muitas vezes reticente e contraditório, a imagem do filho que aniquilou o seu “eu” em nome da honra do “outro”. Em meio a inúmeras controvérsias e divergências que emolduram ambos os episódios transcorridos na capital fluminense, nas primeiras décadas do século XX, nos propomos, também, a recuperar as poucas páginas que registraram a voz de Quidinho, inscritas sob a forma de correspondências, textos endereçados a jornais e depoimentos.

A segunda questão que desejamos investigar versa sobre o “eu” que se autoaniquila em nome da honra do “outro”. O estigma do nome e o desfecho trágico, projetados sobre os destinos do pai e do filho homônimo, suscitam indagações capazes de transcender a apresentação objetiva dos fatos documentados pela história, a respeito do homicídio que extinguiu da cena literária nacional um de seus maiores

representantes. O propósito da presente reflexão é tentar delinear, ao confrontar a identidade do indivíduo e sua equivalência narrativa, uma possível interpretação encontrada pelo “eu” para honrar e, por consequência, extinguir-se em nome do “outro”.

## 2 Representações narrativas de Euclides da Cunha Filho

Diante do escasso material constituído por algumas poucas fotografias, vagas anotações, alguns bilhetes e cartas, tênues depoimentos de biógrafos e notícias publicadas em jornais, posteriormente a sua morte, é provável que o dossiê mais consistente construído acerca de Euclides da Cunha Filho tenha sido o Processo Criminal que apurou o ocorrido, cujos autos históricos, que estavam sob a guarda do Arquivo Nacional, desapareceram em meados da década de 1970 e ainda não foram recuperados. Todas as especulações elaboradas sobre a personalidade do filho de Euclides da Cunha voltam-se, inevitavelmente, para o período posterior à morte do autor de *Os Sertões*, uma vez que as afirmações relacionadas ao dever de honrar o nome do pai foram constantemente reiteradas, conforme é possível recolher em diversos depoimentos, entre os anos que separaram a morte de ambos.

Como seria previsível, se considerarmos os raros instrumentos que permitiam a documentação da infância e da adolescência entre o final do século XIX e início do século XX, as referências a Euclides da Cunha Filho, o Quidinho, são bastante sucintas e se limitam a algumas poucas fotografias que integram o acervo da família e às cartas que o pai lhe escrevia. No ensaio *Pai, filhos: caligrafias do afeto*, o professor e pesquisador da Unicamp, Francisco Foot Hardman, desenvolve uma análise minuciosa e sensível sobre a correspondência entre Euclides e os filhos, a partir do material arquivado na Sessão de Manuscritos da Biblioteca Nacional, a respeito do qual assim se refere:

A palavra pesa, não tanto quanto está presente, mas sobretudo na falta, nas lacunas de silêncio que o tempo foi abrindo nas configurações humanas. As ligações afetivas entrevistadas na correspondência aqui selecionadas referem-se a um núcleo documental rarefeito de cerca de quinze cartas, “bilhetes postais” e cartões concentrados nos anos de 1907-08, cerca de um ano antes da morte de Euclides, num período de adolescência dos filhos (Hardman, 2009: 102).

No inventário afetivo proposto por Foot Hardman, a partir dos escassos papéis que restaram da correspondência estabelecida entre Euclides da Cunha e os filhos, o pesquisador atenta-se, sobretudo, para o peso do silêncio nas lacunas que há entre estes manuscritos. Por conseguinte, ainda que seja impossível delinear o retrato nítido do filho homônimo de Euclides, alguns fragmentos da voz de Quidinho podem ser ouvidos em carta endereçada ao pai, no período em que era interno do Colégio Anchieta, em Nova Friburgo, no ano de 1907:

“Querido pai,  
saudações,  
Com os olhos cheios de lágrimas, escrevo-lhe esta carta que creio que vai encontrar o sr. gozando de boa saúde e felicidade (*sic*). Não choro por cindir (*sic*) que o colégio seja ruim; é de saudades; a saudade e que me matam (*sic*). (...)  
(...)  
O senhor precisa chegar aqui o mais breve possível para o colégio e passar uns dias aqui em Friburgo, não só para me satisfazer como para a saúde do sr. pois o sr. escreve tanto e está muito magro e é capaz de ficar muito doente e eu como filho estimado não quero que o sr. fique doente” (Hardman, 2009: 106).

A comovente transcrição dos sentimentos do filho para com o pai, impressa na carta, já apresenta fortes indícios do movimento dialético que se estabelece do “eu” em direção ao “outro”, uma vez que o jovem Quidinho, além de exteriorizar a tristeza que o leva às lágrimas, produzida pela saudade da presença paterna, também é capaz de propor um equilíbrio entre o que avalia como satisfação pela presença do pai e a preocupação com a sua saúde, ao reivindicar a visita de Euclides a Friburgo. A dimensão alteritária que se expressa nos fragmentos da correspondência transcrita pela caligrafia de um filho ao pai tão estimado, evidencia que na relação entre ambos existem dois “eus” fragilizados – o filho, pela saudade paterna, e o pai, que deteriora a saúde pelo excesso de trabalho, o que tanto aflige ao filho. Quidinho propõe, assim, um encontro cujo principal propósito é fortalecer a saúde de Euclides, o que, para além de uma estratégia de convencimento, está acima da satisfação que o menino deseja transparecer ao reivindicar a presença paterna. Conforme interpretação de Foot Hardman (2009: 107):

Talvez resida aqui o núcleo central do desejo, Eros que quer afastar Tântatos, menino que deseja o pai escritor, que ensaia argumentação na lógica da retórica adulta, que se esforça ao máximo, por trás da pontuação falha e sintaxe rude, em disfarçar a falta que



À tarde de sábado saía eu em companhia de meu pai, com destino a nossa casa. No bonde, expôs-me muitas coisas concernentes às rugas com minha mãe, falando mais, que estava desgostoso com a evidente incompatibilidade de gênios existente entre ele e ela e que iria providenciar para que fosse concedido o divórcio, sendo que iria viver em nossa companhia (eu e meus irmãos), junto a meu avô, Manuel R. P. da Cunha.

Durante todo o trajeto, meu pai se mostrou abatido e triste. Em dado momento perguntou:

-Você prefere ir viver com o seu velho pai, caboclo, sozinho, sem sua mãe, ou ir com ela?

Respondi-lhe que com ele. Então, falou-me em vários projetos, feitos para nossa vida. Sentia eu, então, dois sentimentos tristes... Tinha que abandonar minha mãe por coisa não era compreensível e ignorada para mim; via meu pobre pai abandonar sua esposa; porém como um sentimento e força instintiva me fazia tender para meu pai (1916: 3).

O fragmento transcrito reproduz a conversa que teria sido mantida entre o filho e o pai, ao regressarem do colégio interno para casa, situada na época à rua de Nossa Senhora de Copacabana. O respectivo episódio também é encenado no capítulo 8, da minissérie *Desejo* (Maya, 1990), que reconstituiu o trágico enredo da vida de Euclides da Cunha e o romance entre Anna e Dilermando. Acerca dos momentos finais vividos entre Quidinho e o pai, correspondentes ao retorno do colégio para casa e a última noite vivida por Euclides, em *Crônicas de uma tragédia inesquecível: autos do processo de Dilermando de Assis, que matou Euclides da Cunha*, organizados por Walnice Nogueira Galvão (2007), encontram-se referências pontuais ao episódio, apresentadas pelos depoentes, que, se não reconstituem detalhes da conversa que teria se firmado entre Euclides e Quidinho, atestam a presença de um pai que zelou pela saúde e integridade do filho até o derradeiro momento. Provavelmente a última recomendação realizada por Euclides a Quidinho está no Auto de declarações feitas por Dona Lucinda Ratto, que vivia na casa dos Cunha: “(...) o Doutor Euclides saiu de casa no domingo, às oito e meia, mais ou menos, da manhã, sem revelar qualquer intenção sinistra, ao contrário, mostrando-se calmo e prometendo voltar pouco depois para o almoço, recomendando a seu filho Euclides que não saísse” (Galvão, 2007: 81, grifos nossos).

Conforme os Autos do processo acerca da morte de Euclides da Cunha, consta que, na casa dos irmãos Assis, onde Anna passou a noite de sábado para domingo, estavam apenas o filho menor, Luiz, e Solon, o qual havia se dirigido para lá na noite anterior, em busca da mãe que se recusou a retornar por conta da chuva. Quidinho encontrava-se em casa, na companhia das irmãs Angélica e Lucinda Ratto. Foi o filho homônimo que recebeu o telegrama, que a mãe pediu a Dinorah que enviasse a Dona Angélica: “Satisfeita a tua vontade, Euclides assassinado, Dilermando morto ou condenado” (Galvão, 2009:135).

Quidinho, em *A verdade sobre a morte de meu pai Euclides da Cunha*, ao reproduzir a sua versão sobre o trágico desfecho sofrido pelo pai, também expressa, para além dos episódios factuais de que a história, o direito e a crítica literária se apropriaram no decorrer de mais de um século, as últimas manifestações de um afeto derradeiro entre um pai zeloso, guardião e responsável, e o verdadeiro sentimento do filho, que demonstrou maior proximidade emocional em relação a Euclides.

### 3 O aniquilamento do “eu” em nome da honra do “outro”

O *Jornal do Commercio*, em 16 de Agosto de 1909, reproduziu o telegrama enviado por Solon Cunha, informando o assassinato do pai. Ao expressar a perplexidade causada pela trágica notícia, também descreveu a amável impressão que Quidinho causara, ao acompanhar o pai à redação do jornal, poucos dias antes do fatídico evento:

um telegrama expedido de cascadura ás 12 horas e 30, da tarde de hontem dizianos laconicamente:

“euclides cunha, assassinado estrada real, 214 (assignado) *solon cunha*”.

assassinado por que? como? por quem? parecia inverosimil a noticia. ainda nos primeiros dias da semana ultima o ilustre escriptor aqui estivera, *em companhia do seu jovem filho, euclides*, irmão de solon cunha, signatário daquelle despacho, *uma inteligente e viva criança alumno do internato bernardo de vasconcellos*, onde o pai fora buscal-o (1909: 2, grifos nossos).

O *Jornal do Commercio*, que na época era dirigido pelo Dr. José Carlos Rodrigues, amigo próximo de Euclides da Cunha e, mais tarde, tutor de Quidinho, foi o periódico que mais detalhadamente cobriu a morte do escritor e, na altura do trágico evento, já noticiava a estreita ligação entre o pai e o filho homônimo. Neste mesmo jornal também se publicou uma declaração realizada pelo menino Quidinho, que muito repercutiu na ocasião da morte de Euclides da Cunha, feita aos jornalistas que o indagaram a respeito do crime. A eles respondeu que apenas desejaria encontrar um bandido, que também o matasse para poder seguir ao encontro de seu pai:

(...) a imprensa, registrando o facto detalhadamente, acentuou a impressão dolorosamente que o menor Euclides recebeu da tragedia e o seu propósito de vingança. O *Jornal do Commercio* de 16 de Agosto daquelle anno, assignalou nos seguintes termos as declarações do inditoso rapaz: “Euclides diz repetidas vezes que o seu maior desejo é encontrar por sua vez um miserável que lhe dê também um tiro, por que “assim irá fazer companhia a seu pai” (1916: 3).

Se não é possível mensurar o que havia de premonitório nas palavras de Euclides da Cunha Filho cabe-nos, outrossim, questionar, à luz da hermenêutica da construção

identitária do indivíduo, as razões que levaram pai e filho, detentores do mesmo nome, a sucumbir sob os auspícios de um mesmo e inexorável destino.

Euclides da Cunha foi um pai extremamente zeloso, dedicado aos filhos, preocupado com a sua educação e bem-estar material, procurando sempre oferecer-lhes o melhor que estava ao seu alcance. Esse aspecto está documentado nas cartas redigidas aos filhos mais velhos, Solon e Euclides da Cunha Filho (Galvão; Galotti, 1997; Hardman, 2009), e nas declarações e referências à família, feitas aos amigos com os quais se correspondia (Galvão; Galotti, 1997). Nestas cartas há o registo de peculiaridades do cotidiano: “Ontem seguiu a mala do Quidinho, onde também há alguma roupa tua” (carta ao filho Solon, em 19/03/1908)<sup>2</sup>; enfermidades pelas quais as crianças passaram: “O Quidinho continua doente. Fora uma temeridade e uma impiedade sair de casa” (carta a Vicente de Carvalho, em 10/02/1909)<sup>3</sup>; desenvolvimento físico e intelectual dos filhos: “Os meus dois filhinhos, sempre robustos, têm desafiado brilhantemente a este mau clima, rodeados pelos cuidados persistentes da Saninha.” (carta ao dr. Brandão, em 06/12/1896)<sup>4</sup>; conselhos: “Estuda sempre, meu filhinho! Quero te ver bem adiantado. Cultiva também o teu coração, porque ele vale mais do que a cabeça. Sede sempre bom, digno e forte.” (carta ao filho Solon, 1904)<sup>5</sup>; repreensões: “Infelizmente ainda não tenho boas informações a teu respeito. Mas confio na tua nobreza de sentir, convencido de que fará tudo quanto puderes para não me dares desgosto.” (carta ao filho Quidinho, em 12/06/1908)<sup>6</sup>. Sobretudo, muita responsabilidade e compromisso paterno figuram

---

<sup>2</sup> Galvão; Galotti, 2007: 354: transcrição da carta 334 – A Solon da Cunha. Rio, 19.3.1098 A/BN (Biblioteca Nacional, Rio), RL (Revista do Livro, n.15, Ano IV, set. 1959, Rio, Instituto Nacional do Livro).

<sup>3</sup> Galvão; Galotti, 2007: 404: transcrição da carta 381 – A Vicente de Carvalho. Rio, 10.2.1909 RGE (Revista do Grêmio Euclides da Cunha, Rio, 1915-1939), OI (*O Imparcial*, Rio), RABL (*Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio n. 106 (out.1930), 107 (nov.1930), 108 (dez. 1930), 109 (jan. 1931), 110 (fe. 1931), 111 (mar. 1931), 112 (abr. 1931), CMAEC (Renato Travassos, *Cartas a Machado de Assis e Euclides da Cunha*, 1931, Rio, Waissman, Reis & Cia, Ltda), ECSA (Francisco Venâncio Filho, *Euclides da Cunha a Seus Amigos*, 1938, S. Paulo, Companhia Editora Nacional), AL (*Autores e Livros*, Suplemento Literário de *A Manhã*, Rio), OC (Euclides da Cunha, *Obra Completa*, 1966, Rio, Companhia José Aguillar Ed., Biblioteca Luso-Brasileira, Série Brasileira), BE (Irene Monteiro Reis, *Bibliografia de Euclides da Cunha*, 1971, Rio, Instituto Nacional do Livro (*rol de cartas, sem texto*)).

<sup>4</sup> Galvão; Galotti, 2007:101: transcrição da carta 56 – A Bueno Brandão. S. Paulo, 6.12.1896 A/CE (Casa de Euclides da Cunha, São José do Rio Pardo).

<sup>5</sup> Galvão; Galotti, 2007: 201: transcrição da carta 171 – A Solon da Cunha. [Santos, ?,?,1904] ABN (Biblioteca Nacional, Rio), RL (Revista do Livro, n. 15, Ano IV, set. 1959, Rio, Instituto Nacional do Livro), OC (Euclides da Cunha, *Obra Completa*, 1966, Rio, Companhia José Aguillar Ed., Biblioteca Luso-Brasileira, Série Brasileira)

<sup>6</sup> Galvão; Galotti, 2007:364-365: transcrição da carta 344 – A Euclides da Cunha Filho. Rio, 12.6.1908 A/BN (Biblioteca Nacional, Rio), RL Revista do Livro, n.15, Ano IV, set.1959, Rio, Instituto Nacional do Livro), OC (Euclides da Cunha, *Obra Completa*, 1966, Rio, Companhia José Aguillar Ed., Biblioteca

nestas fontes: “(...) não te esqueças nunca do respeito que deves aos mestres e da lealdade que deves aos teus companheiros. Assim serás um homem, e terás sempre ao teu lado como o teu maior amigo o teu pai” (carta ao filho Quidinho, 20/03/1908)<sup>7</sup>.

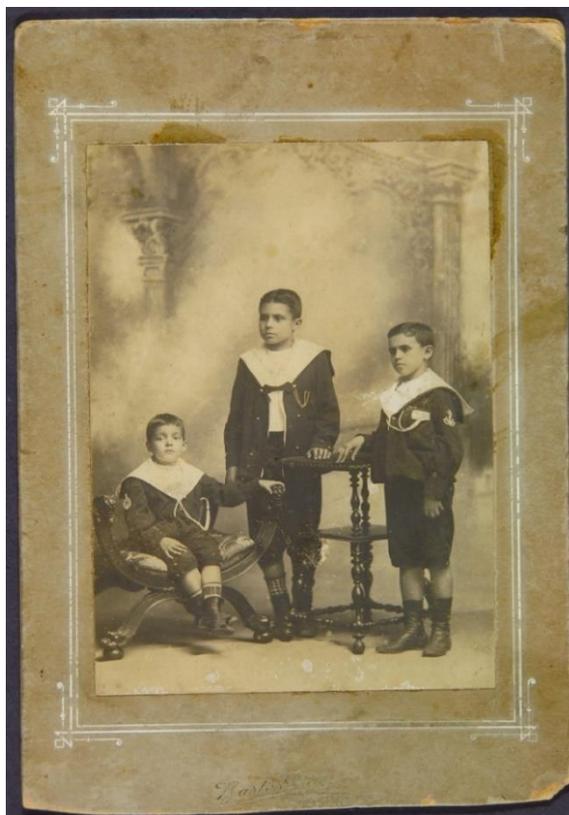


Figura 1: Solon (ao centro), Euclides da Cunha Filho (à direita) e Manuel Afonso (sentado)

Fonte: Acervo da exposição *Euclides da Cunha: uma poética do espaço brasileiro* (Fundação Biblioteca Nacional, 2009)

O transcorrer do tempo e, talvez os ímpetos de rebeldia do filho mais velho, Solon, que chegara à adolescência, criaram divergências entre este e a figura paterna. Afonsinho ainda era muito criança quando o trágico desfecho recaiu sobre a vida de Euclides. Neste ínterim Quidinho tornou-se o filho mais próximo ao pai e são inúmeras as referências que afirmam que ele foi o preferido de Euclides.

---

Luso-Brasileira, Série Brasileira), BE (Irene Monteiro Reis, *Bibliografia de Euclides da Cunha*, 1971, Rio, Instituto Nacional do Livro (*rol de cartas, sem texto*)).

<sup>7</sup> Galvão; Galotti, 2007:355: transcrição da carta 335 – A Euclides da Cunha Filho. Rio, 20.3.1908 A/BN (Biblioteca Nacional, Rio), RL (Revista do Livro, n.15, Ano IV, set. 1959, Rio, Instituto Nacional do Livro), OC (Euclides da Cunha, *Obra Completa*, 1966, Rio, Companhia José Aguillar Ed., Biblioteca Luso-Brasileira, Série Brasileira).

Menos de sete anos transcorreram entre a morte de Euclides e Quidinho. Neste período, o frágil e doente menino tornou-se um homem, seguindo a formação militar como aluno da Escola Naval, no Rio de Janeiro. O peso que suportou sobre os ombros, além da morte trágica do pai, não foi inexpressivo. Viu a família nuclear segregar-se, sobretudo a partir de 1911, quando a mãe oficializou a união com Dilermando de Assis. Quidinho e seu irmão mais jovem, Manuel Afonso, foram confiados a tutores, de modo que este último constantemente rebelava-se contra a proteção que lhe era oferecida e ao regime de internato dos colégios nos quais era matriculado. Solon, por sua vez, afastou-se do Rio de Janeiro e do convívio da família, terminando assassinado como delegado em Tarauacá, em 06 de maio de 1916, durante uma diligência para capturar criminosos. Além da desagregação familiar, da instabilidade acerca da educação de Afonsinho e do assassinato de Solon, Quidinho sofria a humilhação de ver a mãe casada com o homem que matara o próprio pai. A responsabilidade em vingar a morte de Euclides projetava-se sobre Quidinho como um dever de honra, tal como prossegue a sua declaração em *A verdade sobre a morte de meu pae Euclides da Cunha*:

Há muito tempo que, moído por um natural sentimento de ódio ao assassino de meu malogrado pai. dr. Euclides da Cunha, desejei expôr ao publico a verdade nua e crua sobre o covarde assassinato cometido pelo consumado bandido Dilermando de Assis. Não o fiz devido a ter que envolver nesse lamentável acontecimento a pessoa de minha mãe.

Hoje, porém, não posso mais deixar de o fazer, não só para provar o quanto a nossa justiça andou errada em concedendo a absolvição ao assassino, como também para lançar um protesto, justo e obrigatório, contra as monstruosas calumnias levantadas em torno de meu infeliz e finado irmão Solon.

(...)

Ao descer a escada, traiçoeiramente, seu assassino visa-o calmamente e o fere de morte pelas costas.

Ao vero efeito do tiro, diz em tom maldoso: “Toma cachorro”!

Meu pobre pai cahio, para não mais se levantar...

Devido ao tiroteio, gente se havia juntado ao portão da casa!

Transportaram o meu pai para o leito de seu assassino!

Ali rodeado de populares armados, e ouvindo as fingidas supplicas de *perdão*, que o bandido, seu assassino lhe dirigia, morreu mas proferindo as palavras: “Ódeio-te! Mas perdô-te!”

Sim! O perdão é digno das grandes almas! Porém, perdoar aos que não merecem, é cousa que não deverias fazer!

Meu pai o perdoou no seu ultimo suspiro por julgar infundadas suas suspeitas!...

Hoje, porém, eu sei que não eram, mas... que pelo contrario, minha progenitora, enviuvandose, veio a se casar com o assassino de meu pai...

A justiça não procedeu como devia!

Quem deverá castigar semelhante crime!

O futuro dirá!...

Rio de Janeiro, 2 de Julho de 1916. – Euclides da Cunha Filho

(Jornal do Commercio, 05/07/1916: 3).

A longa carta expõe, minuciosamente, as agruras sofridas pelo filho homônimo de Euclides da Cunha. As incontáveis perdas somam-se ao sentimento de injustiça. Quidinho enaltece a grandiosa alma do pai que, na iminência da morte, perdoou aquele que o traíra e cometera o disparo fatal, mas acusa, de forma veemente, a justiça de ter sido falha. Não faltam elementos para alimentar o sentimento de ódio que nutre o jovem aspirante da Marinha e, sobre si, recai a responsabilidade de corrigir os erros da justiça. Em tom retórico questiona “quem deverá castigar semelhante crime”, anunciando de forma categórica que, diante das imprecisões da justiça, caberá a si próprio empunhar a espada do Anjo Vingador, tal como “o futuro dirá!...”.



Figura 2: Retrato do jovem aspirante da Marinha Euclides da Cunha Filho, publicado na edição 187 do *Jornal do Brasil*, em 05 de Julho de 1916.

Neste contexto, não é apenas a dor do filho órfão que busca na vingança a reparação para as espoliações sofridas. A absolvição jurídica de Dilermando de Assis, somada à desonra moral que se projetou sobre o nome de um dos intelectuais mais respeitados do país, igualmente não é perdoada pela opinião pública. Quidinho presume

que precisa lavar a honra de Euclides, manchada pelo adultério e assassinato, e oferecer a si próprio e à sociedade o restauro à dignidade do pai.

Entre a escrita da carta e a tentativa de vingança anunciada no texto assinado por Quidinho iriam transcorrer apenas dois dias. No dia 04 de julho de 1916, às 13 horas, Dilermando se encontrava no cartório do 2º ofício da 1ª vara de órfãos do Rio de Janeiro, situado na rua dos Inválidos, solicitando ao escrevente o processo de tutoria do menor Manuel Afonso. A intenção, a pedido de Saninha, era encontrar uma forma de o filho menor de Euclides da Cunha retornar à casa materna, quando se ouve uma detonação, tal como é descrita pelo *Jornal do Commercio*, em 05 de julho de 2016, na página 4:

O aspirante Euclides da Cunha Filho, logo que pronunciou a frase 'Miserável!', descarregou com presteza seis tiros de revólver. Logo que recebeu o primeiro tiro, o tenente Dilermando jogou para o lado a petição que lia e levantou-se apressadamente. O aspirante, sem se arredar do lugar em que se achava, continuou a alvejá-lo. O tenente Dilermando, vendo-se em perigo, continua alvejando, segurou então uma cadeira e com ela abriu passagem para a rua. Enquanto isso o aspirante Euclides descarrega o seu revólver (...) Fácil é presumir a confusão que dentro de curto instante se estabeleceu no local. Os funcionários do cartório, apavorados, corriam para a rua, enquanto os serventuários do Fórum iam à demanda do local, a fim de verificar do que se tratava (...).

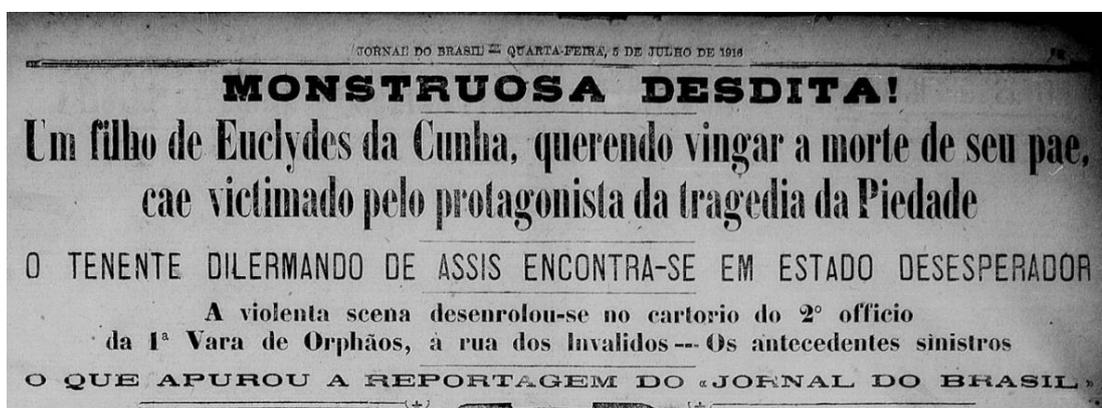


Figura 3: Reportagem publicada na edição 187 do *Jornal do Brasil*, em 05 de julho de 1916, noticiando a morte de Quidinho por Dilermando.

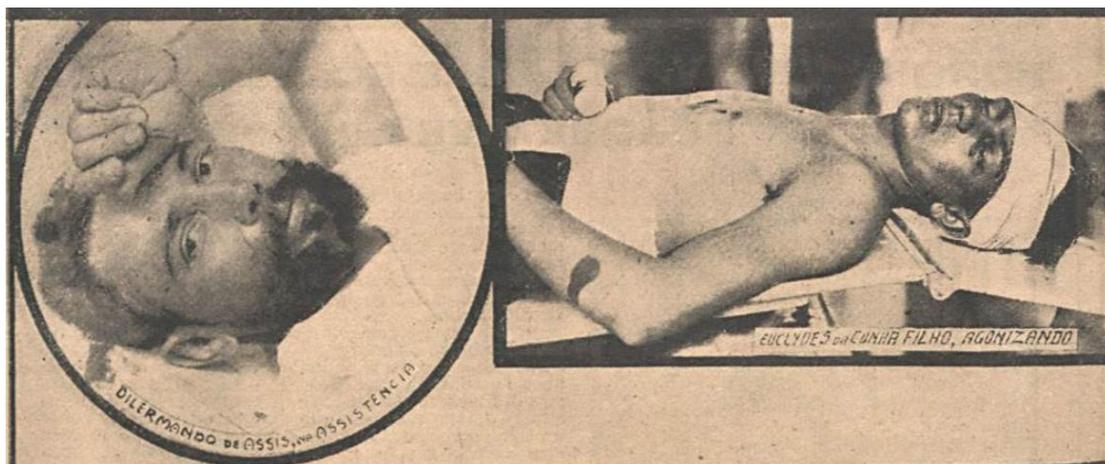


Figura 4: Fotografias do Tenente Dilermando de Assis ferido e de Euclides da Cunha Filho agonizando, publicadas na edição 721 da revista *O Malho*, em 05 de julho de 1916.

Em *Matar para não morrer: a morte de Euclides da Cunha e a noite sem fim de Dilermando de Assis*, Del Priore opta por assumir um ponto de vista em defesa dos irmãos Assis, a respeito da tragédia da Piedade e seus desdobramento, e assim relata a repercussão do atentado (2009: 120): “Os primeiros boletins da imprensa davam Dilermando como morto e ele seguia como o monstro, miserável, sicário, facínora. Já sobre Quidinho choviam adjetivos: ‘digno, bom, morigerado, honrado, distinto’”.

Ao partir da Escola Naval para o que deveria ser um breve recesso, Quidinho saiu com o propósito de enfrentar Dilermando, pois se despediu de todos, não excluindo ninguém:

Quando Euclides deixou a Escola Naval, na semana passada, já foi com a idéia de realizar o encontro com Dilermando e isso se verificou pelo facto de ter-se despedido carinhosamente de todos os colegas e pessoal da Escola.

O inditoso moço não se esqueceu de ninguém, despedindo-se até do sapateiro.

A cada um perguntava o que queria do Rio. Ao despedir-se do barbeiro, disse-lhe que com certeza não voltaria mais.

O seu desaparecimento, por todas essas circunstancias, foi sentido ainda mais. (Jornal do Commercio, 06/07/1916: 3).

Como atestado de sua premeditação foi encontrado, no bolso de Quidinho, um envelope com vários textos. Havia a declaração de que possuía algumas economias na Caixa Econômica Federal e que o dinheiro deveria ser usado para quitar as despesas, de ordem pessoal, feitas na Escola Naval; um pedido para comprarem uma coroa de flores a ser depositada sobre o túmulo de seu pai; bilhetes de despedida aos tutores e ao irmão Manuel Afonso; além dos textos “A verdade sobre a morte de meu pae Euclides da

Cunha” e “Declarações de Euclides da Cunha Filho”, nas quais elenca detalhadamente os “crimes” cometidos por Dilermando contra a sua família e subscreve: “A quem encontrar peço que faça com que o público fique conhecedor das causas que me levaram a agir do modo que agi” (Jornal do Commercio, 05/07/1916: 4). O teor dramático do documento revela a descrença de Quidinho na justiça. Explícita, também, que a intenção do atentado que premeditara, teve como objetivo impedir que o único irmão que lhe restara por parte do pai fosse conviver com o homem que executara Euclides e D. Saninha, a mãe adúltera, “sua cúmplice do desfecho da tragédia da Piedade”:

(...)

Não posso me conformar com semelhante existência, quando vejo que não ha justiça nesta terra puramente agrícola!...Sim... Quem deve fazer justiça sou eu, pois que mais do que ninguém posso avaliar o mal que este cão me fez!

Este cão, que tem a pretensão de se pôr ante mim, impedindo que se eleve a moral de uma criança sem direção e compreensão do cumprimento do dever...

Talvez eu morro na luta, que maõ grado ser, o miserável cachorro, um covarde e desleal, empenharei com lealdade, pois pouco se me dá, que vença ou não!...Quero apenas me desabafar... Quero mata-lo como a um cão! Não... Um cão sempre é mais digno que este bandido! Hei de mal-o como a um miserável que é!

Quero encontrá-lo em campo raso, para que ele não possa entrincheirar como entrincheirou para matar meu pai...

Isto escrevo para que, se eu vier a morrer, não se diga que este bandido matou-me em legítima defesa ou em privação de sentidos, pois que ninguém as perde, senão quando morto; mas sim, que foi ele quem me provocou, arrebatando meu irmão, único na terra...

Se eu conseguir, sem que veja o bandido, trazer meu irmão para junto de seu tutor, Nestor da Cunha, nada farei! Agora, se meu irmão não quiser vir, ou não m'o queiram entregar, eu o arrebatarei de qualquer forma, e, enquanto vida tiver, lutarei para isto!

(...)

Se eu morrer me despeço de meu protetor e amigo Dr. José Carlos Rodrigues, de meu amigo e primo Nestor Cunha, dos amigos Rodrigues S. Paulo, Eurico Cruz, Homem de Mello, Belizario Tavora, Carlos Esteves e irmãos, e o meu irmãozinho Affonso, a quel, como ultimo desejo, espero que saiba seguir o exemplo de meu pai, de meu irmão Lalao.

(...)

Meu irmãozinho, com lagrimas d'alma eu te dirijo esta supplica: Saiba sempre se guiar na vida com honra, como se guiaram nosso pai e nosso irmão! Siga os seus belos exemplos! Lembre-se de nós!...

A vida é curta, e neste curto espaço de existência não devemos fazer nada que não esteja baseado na moral e na razão.

Tu hoje não raciocinas, porém mais tarde saberás o quanto te amaram: teu pai, teu irmão Lalao e este teu irmão, que de ti se despede para sempre na terra. – Euclides da Cunha Filho (Jornal do Commercio, 05/07/1916: 4).

Somadas tantas perdas, o sofrimento de Euclides Filho e o sentimento de descrença são imensuráveis. Em sua concepção, coerente na condição de um filho a quem a vida deserdou de quase tudo, não é possível confiar na justiça e, assim, delega a si próprio a incumbência de honrar ao pai. Como um jovem poderia processar, no mais profundo âmago de sua solidão, a morte do pai admirado, com o qual tinha uma relação de tanta cumplicidade? Conseguir suportar a convivência da mãe em união matrimonial com o amante que disparara os tiros contra Euclides? Sentir o afastamento do irmão Solon para as entranhas de um Brasil profundo, que acabaram por também o destruir? E, por último, ver a possibilidade de Manuel Afonso, na rebeldia de seus quinze anos e desamparado da estabilidade de uma família nuclear, regressar à convivência com a mãe, que fora cúmplice no desenvolvimento enredo trágico?

A vasta crítica sobre o episódio, que tem sido construída há mais de um século, de forma recorrente tem se voltado para inúmeras questões de ordem moral e sociológica, como dever de lavar a honra, imposto a Euclides da Cunha em uma sociedade patriarcal; a recriminação sofrida por Saninha, que não se subjugou aos deveres do matrimônio; a dupla ação defensiva de Dilermando, que o obrigou a passar a vida elaborando explicações públicas sobre as mortes que involuntariamente causara. Da mesma forma, a maioria dos depoimentos ressaltam que Quidinho teria sido pressionado, desde que atingiu a adolescência, a vingar a morte do pai e suas palavras endossam a descrença na justiça.



Figura 5: Charge publicada na edição 722 da revista *O Malho*, em 15 de julho de 1916, que endossa as palavras de Euclides da Cunha Filho acerca das falhas da justiça.<sup>8</sup>

Joel Bicalho Tostes, falecido em 2009, foi casado com uma neta de Euclides da Cunha, filha de Manuel Afonso, e, no final da década de noventa, ingressou com uma representação na Procuradoria da República do Rio de Janeiro contra o Arquivo Nacional, a fim de intimar a instituição a apresentar o processo criminal da morte de Euclides, após passar mais de 20 anos a procura do documento, visto pela última vez no fim dos anos 60 (Jusbrasil, 2009). Bicalho Tostes sempre declarava que, diante dos

<sup>8</sup> Um brado de angustia

Texto 1:

Em quasi todos os escriptos deixados por Euclides da Cunha Filho, a nota predominante foi de descrença na justiça, uma descrença profunda, geradora de desespero.

Deve-se tomar em consideração o grito de um cidadão que convencido de que *nao ha justiça nesta terra* se resolve a ir a matar o assassino de seu pai, deixando por escripto esta declaração: “Isto faço porque, infelizmente, a nossa justiça não o soube fazer...”

A campanha que se fizer pela reabilitação da justiça será uma campanha de salvação nacional. Sem essa reabilitação a delinqüescencia de caracteres irá representar a fermentação revolucionaria”. – (Do “*Jornal do Commercio*”)

Texto 2:

*O MORIBUNDO*: -Não sei se cheguei a vingar a morte de meu pae... Só sei que essa horrível tragédia é o resultado de não haver justiça nesta terra!

*ZE' POVO* (para o Dr. Wencesláu): -Eis o grande culpado, Sr. presidente! E' preciso que V. Ex. também manifeste a sua vontade e o seu poder para regenerar a Justiça! E' preciso que os juízes, quaisquer que sejam, saibam que o governo de V. Ex. se revolta contra esta falta de punição contra os que matam! Não é possível tolerar que cada cidadão agravado entre a fazer justiça por suas próprias mãos! O que por ahi está acontecendo quasi todos os dias é horrível! – E' é a volta a barbaria, por falta de justiça, ou, melhor: por falta de moralidade na Justiça!...

episódios envolvendo Euclides da Cunha e Quidinho, a versão dos herdeiros de Euclides nunca pode ser ouvida, já que os filhos mais velhos foram precocemente vitimados e Manuel Afonso ainda era muito jovem quando presenciou os eventos. Bicalho Tostes alegava, desta forma, que havia a versão veemente de Dilermando, o qual publicou dois livros em sua autodefesa, além das declarações imprecisas e reticentes da própria Anna. Em 1990, como resposta à publicação de *Anna de Assis: história de um trágico amor*, assumiu a defesa da família Cunha em *Águas de amargura: o drama de Euclides da Cunha e Ana*, mas sempre destacou que a sua versão estava prejudicada pela falta da documentação constante no processo perdido. Mais tarde Del Priore, *Em matar para não morrer: a morte de Euclides da Cunha e a noite sem fim de Dilermando de Assis* (2009) examina os fatos mais pelo ponto de vista masculino, sobretudo dos irmãos Assis, assim como fez a filha do segundo casamento de Dilermando, Dirce de Assis Cavalcanti, em *O pai* (1998).

Nesse contexto, todavia, há um grande silêncio hermenêutico acerca de Euclides da Cunha Filho, sobre o qual recaíram explicações bastante convencionais para interpretar a motivação que o levou à tentativa de vingança. Quase nada foi dito acerca de seu sofrimento psíquico, o que fez Quidinho considerar amplamente a possibilidade de vir a ser ferido de morte, tal como bem examina em uma das muitas possibilidades que expõe em sua declaração final. O jovem Euclides aniquila-se para honrar ao pai, mas muito provavelmente caminha para a morte em nome da dor insuportável causada por todas as feridas que foram abertas, desde muito cedo, em seu espírito.

#### **4 Um novo Orestes sem a proteção dos deuses**

Na mesma semana em que ocorreu o novo episódio trágico a pairar sobre a família Cunha, desta vez ferindo de morte Euclides da Cunha Filho, João do Rio publicou no jornal *O Paíz*, em 08/07/1916, o artigo “Destino”, no qual realiza, sob as lentes da tragédia grega, um escrutínio sobre todo os atos que constituíram o drama: “Diante do segundo acto da tragedia Euclides da Cunha, temos o coração do espectador e o cerebro de quem rememora. Não se trata de uma simples scena stupida, trata-se de um drama tecido pelos deuses, narrado por Homero, desenvolvido pelos tragicos; não se pensa em um episodio sem ligações, mas na fatalidade cruel que exterminou os

atridas. Cassandra alargou o tempo e vaticina na sangueira desse extermínio” (Rio, 1916: 1). A análise de João do Rio principia considerando a manipulação que Anna exercia sobre aqueles que integraram os seus laços, subvertendo todos os códigos morais vigentes na sociedade da época em nome de sua paixão: “A mulher sem um arrependimento é uma fogueira de paixão. (...) É um maelstrom de arrebatamentos. Alguma coisa essa senhora tem de assustadoramente dominador. O seu poder sentimental é tyranico. As suas palavras são as de uma leoa no deserto” (Rio, 1916:1). O cronista carioca atenta para a profunda dor de Quidinho “só, sentila do isolamento, alma erma dos affectos, réplica do desgraçado Euclides, continuação da trepidação inquieta do pai – Euclides, o único filho que pensa, vive sacudido pelo horror do quadro...”, e compara “a figura do jovem Euclides”, de 21 anos, “a de Orestes, sem a protecção dos deuses”:

Como Euclides, o filho não podia compreender a aberração de todos querendo viver com aquelle que matara o seu pai. O irmão mais novo fugia do collegio, fugia do tutor, fugia para ir ter com aquella em que não via culpas. E ele próprio, no seu imenso desespero, querendo obstar mais este desastre, não culpava a mãe, culpava o homem que era seu marido. Nelle vivia o mesmo sentimento de Euclides: a lucha pela ternura dos seus, pela ternura que cercava o outro. Quando viu Dilermando devia atirar como atirara seu pai, loucamente, sem pensar – porque a Morte acaba mas não modifica a fatalidade dos sentimentos. Mais forte, mais louco, com essa razão que erradamente fortifica o desespero do egoísmo, desfechou o revólver. Uma. Duas. Tres. Quatro vezes. Era um menino contra um homem sem medo que se transforma em fera, ao silvo das balas. Tinha de ser. Com os pulmões varados, reunindo energias sobre-humanas, o homem escolhido pelo Destino para o horror, rebentou a farda, puxou a pistola, perseguiu a criança que fugia já, alvejou-a, fel-a tombar, e, vendo-a no chão, rebentou-lhe os miolos e rolou para agonizar...

Tragedia sem fim! (...)

(...)

O Destino é de temer. Homero disse: “Os próprios deuses não salvam o heroe amado que a Moira entendeu deitar na morte” (Rio, 1916: 1).

Não foi apenas em nome da honra para com a família e a sociedade que Quidinho agiu, assim como o pai, contra Dilermando. Há imbricações muito mais complexas na psique humana que se sobrepõe a uma resposta coerente a ser oferecida às conveniências sociais do início do século XX. De qualquer maneira, as atitudes tanto do pai quanto do filho, interpretadas pela sociedade como defesa da honra e dos valores da família contra as vilipendiações adúlteras e afrontosas cometidas por Anna e pelo amante, responderam com louvor ao que poderia se esperar de homens dignos, diante da dor pelo seu ultraje público. Euclides da Cunha Filho recebeu honras militares em seus atos fúnebres. Por ocasião de seu sepultamento, os discursos ante o seu corpo

exaltavam suas virtudes e grandeza moral, praticadas no decorrer de sua existência e, sobretudo, no mais elevado gesto de entregar a sua vida em dever de honra ao pai, uma vez que a justiça havia sido falha. Entre os discursos realizados em seu sepultamento são notáveis, principalmente, as palavras que, em nome do corpo docente da Escola Naval, o Capitão de mar e guerra, Nolasco de Almeida, e o presidente do Grêmio Euclides da Cunha, respectivamente, proferiram:

Torna-te digno filho de um pai tal como eu: foi este o teu pensar na surpresa da vida, que é a mocidade. Tiveste-a atormentada desde o incio da existencia, e os teus mestres e teu amigos e camaradas liam na tristeza soberana que te dominava o fragor das tormentas que te dominavam a alma.

Digno era das ancoras que sustentavas; capaz de defender a pátria nos seus tragicos duelos, morto até o extermínio, quem não vacilou em cair sucumbido na esteira honrada do nome de seu pai. Viste-o ceder ao peso do maior dos infortúnios, a mais frondosa, a mais robusta e mais copada arvore que sentia, que sorria, que falava e que chorava, o autor dos “Sertões”.

Morrendo abriste mãos dos encantos da vida, que só é vida quando dulçurante se respira a confiança do lar.

Digno dos teus camaradas até este doloroso momento da ultima das despedidas; digno dos teus mestres, a quem, respeitando, sempre honraste; soberbo, ativo e impetuoso como patriota; orgulhoso, como mais não se pôde ser, dos braços e da honra de um pai: recebe do teu bom mestre e dos teus dignos mestres, que eu represento, a lagrima crystalina, mas escaldante: o adeus derradeiro e sincero; o beijo desorientado de quem não mais existe para imprimil-o: de teu pai neste amplexo, daqueles que teus mestres são dignos e transmitem ao digno entre os mais dignos de uma geração que se forma.

Joven, enfrentaste um homem: deseioso de morrer, esperançoso de vencer, para honrar um nome. Cahiste porque eras digno. (...).

Filho de Euclides da Cunha.

Tiveste “o ódio, que é a fórmula heroica da bondade”.

Este heroísmo santificou-te.

(...)

A tua sepultura será mais um lugar sagrado e a tua morte mais um dia santo para o nosso culto de “adoração e protesto” (Jornal do Commercio, 06/07/2021: 4).

O ato do jovem Euclides foi interpretado como heroico pela opinião pública, que santificou o seu gesto de enfrentamento ao homem responsável por disparar os tiros que extinguiram a vida de seu pai. A vingança arquitetada por Quidinho, como uma forma de restaurar as falhas da justiça, foi exaltada diante da sociedade de então, que atribuiu ao filho do autor de *Os sertões* o mais elevado posto de honra e dignidade. Todavia, instaura-se um enorme silêncio acerca de sua dor psíquica, que durante os quase sete longos anos que separaram a morte de Quidinho e Euclides, abateram-se sobre o espírito do jovem aspirante da Marinha. O “eu”, ao se projetar no “outro”, aniquila-se em nome da honra. Eros, todavia, é destruído por Tânatos, quando caminha para uma luta em que prevê ser derrotado. É isso que traduzem os versos de Euclides

da Cunha Filho, encontrados entre os papéis que atestam o seu último legado de honra, no mesmo envelope que carregava quando expirou. Estas derradeiras linhas mostram, sobretudo, que a dor que o consumia, inexoravelmente, conduziu-o ao seu próprio fim:

a lousa fria guarda os entes que eu amei:  
-Dous entes que viveram, banidos da sorte,  
No sopro da desgraça, em turbilhão levados...  
Partiram para o além... Nunca mais os verei...  
Sómente se juntar-me a eles pela morte!  
(Jornal do Commercio, 05/07/1916: 3).

## TRABALHOS CITADOS

ANDRADE, Jeferson. *Anna de Assis: história de um trágico amor*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009.

ANDRADE, Juan C. P. de (Org.). *Euclides da Cunha*. Disponível em <https://euclidesite.wordpress.com/documentos>. Acesso em: 20 fev. 2017. (Publicado originalmente no *Jornal Oficial*. Semanário da Prefeitura de Tarauacá, Acre, n. 6, 21 maio 1916. Reproduzido e comentado por Joel Bicalho Tostes no extinto site oficial da família de Euclides da Cunha).

ASSIS, Dilermando de. *Um conselho de guerra: a morte do aspirante de Marinha Euclides da Cunha Filho — defesa do tenente Dilermando Cândido de Assis*. Rio de Janeiro: Tipografia dos Anaes: 1916.

ASSIS, Dilermando de. *A tragédia da Piedade: mentiras e calúnias de “A vida dramática de Euclides da Cunha”*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro: 1951.

CAVALCANTI, Dirce de Assis. *O pai*. São Paulo: Ateliê, 1998.

DESEJO. Direção de Wolf Maya. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 1990. 5 DVDs (705m14s.)

ELUF, Luiza Nagib. *Matar ou morrer: caso Euclides da Cunha*. São Paulo: Saraiva, 2009.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *Crônica de uma tragédia: autos do processo de Dilermando de Assis, que matou Euclides da Cunha*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo. *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: Edusp, 1997.

HARDMAN, Francisco Foot. *A vingança de Hileia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna*. São Paulo: UNESP, 2009.

JORNAL do Brasil. Segunda-feira, 16 de agosto de 1909. n. 227. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015\\_02&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=33901](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_02&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=33901) Acesso em: 13 Fev. 2022.

JORNAL do Brasil. Terça-feira, 17 de agosto de 1909. n. 228. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015\\_02&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=33914](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_02&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=33914) Acesso em: 13 Fev. 2022.

JORNAL do Brasil. Quarta-feira, 05 de julho de 1916. n. 187. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015\\_03&pasta=ano%20191&pesq=&pagfis=52788](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_03&pasta=ano%20191&pesq=&pagfis=52788) Acesso em: 30 Jan. 2021.

JORNAL do Brasil. Quinta-feira, 06 de julho de 1916. n. 188. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015\\_03&pasta=ano%20191&pesq=&pagfis=52813](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_03&pasta=ano%20191&pesq=&pagfis=52813) Acesso em: 30 Jan. 2021.

JORNAL do Commercio. Segunda-feira, 16 de agosto de 1909. n. 227. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568\\_09&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=18042](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_09&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=18042) Acesso em: 12 Fev. 2022.

JORNAL do Commercio. Terça-feira, 17 de agosto de 1909. n. 228. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568\\_09&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=18054](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_09&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=18054) Acesso em: 12 Fev. 2022.

JORNAL do Commercio. Quarta-feira, 05 de julho de 1916. n. 186. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568\\_10&pagfis=39489](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_10&pagfis=39489) Acesso em: 13 Dez. 2021.

JORNAL do Commercio. Quinta-feira, 06 de julho de 1916. n. 187. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568\\_10&pagfis=39506](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_10&pagfis=39506) Acesso em: 13 Dez. 2021.

JUSBRASIL. *União condenada por sumiço do processo criminal contra assassino de Euclides da Cunha Filho*. Disponível em: <https://trf-2.jusbrasil.com.br/noticias/2213202/uniao-condenada-por-sumico-do-processo-criminal-contra-assassino-de-euclides-da-cunha-filho> Acesso em: 13 Dez. 2021.

MESQUITA JÚNIOR, Geraldo. *O Acre e a vida dramática de Euclides da Cunha*. Brasília: Senado Federal, 2005.

Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/12756883/o-acre-e-a-vida-dramatica-de-euclides-da-cunha-senado-federal> Acesso em: 14 Fev. 2022.

O MALHO. 8 de julho de 1916, ano XV, n. 721. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116300&pasta=ano%20191&pesq=&pagfis=32313> Acesso em: 14 jan. 2022.

O MALHO. 15 de julho de 1916, ano XV, n. 722. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116300&pasta=ano%20191&pesq=&pagfis=32371> Acesso em: 13 dez. 2021.

O PAÍZ, Segunda-feira, 16 de agosto de 1909. Ano XXV, n. 9082. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691\\_03&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=20456](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691_03&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=20456) Acesso em: 13 fev. 2022.

O PAÍZ, Terça-feira, 17 de agosto de 1909. Ano XXV, n. 9083. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691\\_03&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=20463](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691_03&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=20463) Acesso em: 13 fev. 2022.

O PAÍZ, Quarta-feira, 05 de julho de 1916. Ano XXXII, n. 11.594. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691\\_04&pasta=ano%20191&pesq=08/07/2016&pagfis=32251](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691_04&pasta=ano%20191&pesq=08/07/2016&pagfis=32251) Acesso em: 13 fev. 2022.

O PAÍZ, Quinta-feira, 06 de julho de 1916. Ano XXXII, n. 11.595. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691\\_04&pasta=ano%20191&pesq=08/07/2016&pagfis=32258](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691_04&pasta=ano%20191&pesq=08/07/2016&pagfis=32258) Acesso em: 13 fev. 2022.

PRIORE, Mary Del. *Matar para não morrer: a morte de Euclides da Cunha e a noite sem fim de Dilermando de Assis*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

PONTES, Eloy. *A vida dramática de Euclides da Cunha*. 13. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

REVISTA do Gremio Euclides da Cunha. Rio de Janeiro: Typ. Aurora, 15 de agosto de 2016.

RIO, João do. “Destino”, *O País*, 08/07/2016, Ano XXXII, n. 11.597. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691\\_04&pasta=ano%20191&pesq=08/07/2016&pagfis=32277](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691_04&pasta=ano%20191&pesq=08/07/2016&pagfis=32277) Acesso em: 25 Nov. 2021.

TOSTES, Joel Bicalho. *Águas de amargura*: o drama de Euclides da Cunha e Anna. Joel Bicalho Tostes em depoimento a Adelino Brandão. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1990.

**Tatiana Prevedello** é Doutora em Letras (Estudos de Literatura / Literaturas Portuguesa e Luso-Africanas) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2014), com estágio de doutorado-sanduiche na Universidade de Lisboa (2013-2014). Dedicou-se, em sua tese, ao estudo da hermenêutica da escrita, direcionado, sobretudo, ao trabalho filosófico de Paul Ricoeur e às relações entre tempo, alteridade, memória, história e mimese na literatura portuguesa contemporânea. Atualmente é professora do ensino básico, técnico e tecnológico na rede federal.

Artigo recebido em 18/02/2022.

Aprovado em 10/03/2022.